



Educação, Trabalho docente: Trajetória e Desafios

Simone Alves Cavalcanti

Universidade de Uberaba - UNIUBE, Brasil

Maria Vitória Alves Rodrigues

Centro de Ensino Superior de São Gotardo, Minas Gerais, Brasil

Sálua Cecílio

Universidade de Uberaba - UNIUBE, Brasil

ENTREVISTA COM A EDUCADORA PROFESSORA SUELI TERESINHA DE ABREU BERNARDES

1 IDENTIFICAÇÃO



Entrevista com a educadora Sueli Teresinha Abreu Bernardes, doutora em Educação e Mestre em Educação Brasileira pela UFG, mestre em Ciências e Valores Humanos pela UNIUBE e licenciada em Filosofia pela FISTA. É professora titular da UNIUBE e atua no Programa de Pós-graduação em Educação. Atualmente, coordena na UNIUBE dois projetos interinstitucionais de pesquisa: o primeiro, “Da linguagem ficcional aos procedimentos de pesquisa que priorizam o diálogo: análise epistemológica de produções acadêmicas do PPGE-UNIUBE (2010-2016)”, com bolsas do CNPq e Fapemig, vinculado à Rede de Pesquisadores sobre Professores do Centro-Oeste – REDECENTRO. Dessa rede, participam a UFG, UFMS, UFMT, UFT, UnB, UFU e UNIUBE. O segundo projeto, “Perspectivas Interdisciplinares na Educação”, é desenvolvido em parceria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, campus Uberaba, com apoio do CNPq/FAPEMIG, e abriga quinze subprojetos de pesquisa. Coordena o Núcleo de Estudos sobre o Professor, a Arte e a Filosofia – NEPAFi e é membro da Association Internationale Gaston Bachelard, França; do Círculo Latinoamericano de Fenomenologia; da Sociedade de Estudos e Pesquisas Qualitativos; da Federação de Arte Educadores do Brasil e da Rede de Pesquisadores sobre Professores do Centro-Oeste. Foi editora da Revista Profissão Docente do PPGE-UNIUBE, período 2016-2017, membro do Conselho Científico, é parecerista de diversos periódicos e já publicou artigos, capítulos e livros, tendo, ainda, apresentado trabalhos em eventos nacionais e internacionais. Tem experiência nas áreas de Arte, Educação e Filosofia, com ênfase nos estudos interdisciplinares, fundamentos filosóficos da

educação, fenomenologia e em metodologia da pesquisa qualitativa em educação, dedicando-se, sobretudo, aos seguintes temas: interdisciplinaridade, fenomenologia bachelardiana, filosofia da educação, interações arte-filosofia-educação e estudos sobre o professor.

Esta entrevista foi realizada em 22 de novembro de 2018, às 14 horas, na sede do Programa de Pós-graduação em Educação da UNIUBE, como atividade ligada ao componente curricular Trabalho Docente no Capitalismo Contemporâneo, disciplina eletiva desse programa. O objetivo deste diálogo foi ouvir uma narrativa sobre percepções, sentimentos e experiências em relação ao trabalho docente, em especial ao contexto de trabalho e à influência das tecnologias no ensino superior e na educação no século XXI, à vista de sua longa carreira, que lhe permitiu vivenciar diversas mudanças na educação. A experiência da Dra. Sueli Bernardes permitiu-nos compreender sua leitura acerca dos desafios na educação. Sua trajetória sugere o quanto a dedicação à docência e à pesquisa foram relevantes para a área da Educação e a instituição a que se vinculou.

2 CONTEXTO DA TEMÁTICA E ENCAMINHAMENTO DAS QUESTÕES:

Hodiernamente, o trabalho docente passa por transformações em relação à sua natureza. Entre outros fatores, isso ocorre devido à influência das tecnologias da informação, baseadas em sistemas digitais, bem como relações de trabalho flexíveis, sem segurança e baixos salários. Nesta senda, existe preocupação com reconhecimento e o prestígio da profissão, com a necessidade de aprimoramento e desenvolvimento de saberes específicos, bem como responsabilidades apresentadas e requeridas pela sociedade. Novas funções são esperadas do professor no exercício de suas atribuições, antes a cargo de outras instituições.

SIMONE - O que gostaria de destacar em sua trajetória como professora? Como foi seu percurso profissional? Durante sua carreira, quais foram as principais mudanças no trabalho docente?

SUELI TERESINHA ABREU BERNARDES- Informalmente, comecei aos 16 anos. Uma vizinha perguntou aos meus pais se eu poderia ensinar a filha a ler as horas, pois dizia que eu tinha bom desempenho escolar. Atendi o pedido e essa foi a minha primeira experiência docente.

Fiz magistério e logo comecei a dar aula. [Nesse momento, a professora mostrou-me uma foto com sua primeira turma de alunos da segunda série no Colégio Nossa Senhora das Dores, escola

onde estudou. Neste mesmo período, começou o curso de Filosofia nas Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino.

Um ano depois, fui aprovada no concurso para professores da rede estadual de Minas e fui trabalhar no Grupo Escolar Dom Alexandre, na cidade de Uberaba. Ali fiquei quatro anos e sempre na segunda série, pois gostava de ensinar crianças com essa idade, já alfabetizadas. Hoje sinto falta disso. Tenho esse pesar de não ter alfabetizado alguém. Sou educadora há tantos anos e fiquei com essa dívida social, pois todo professor deveria ter essa experiência de alfabetizar uma criança ou um adulto.

Após essa experiência no ensino fundamental, deixei a sala de aula e fui trabalhar na Superintendência Estadual de Ensino, no setor técnico, que era ligado à docência. Lá fazíamos observação e supervisão do trabalho docente, avaliações nas escolas estaduais e ministrava formação continuada de acordo com as realidades que encontrava.

Sempre gostei de ser educadora. Ensinar foi minha profissão por escolha. Mas eu tinha, no fundo, uma insatisfação, pois sentia que poderia fazer mais, aprender mais do que eu tinha aprendido, prosseguir meus estudos, mas, na época, não existiam cursos de pós-graduação em Uberaba.

Posteriormente, fui admitida na Uniube. Esse ingresso ocorreu atendendo uma divulgação de seleção para contratação. Fiz uma entrevista com o Professor Ronaldo Cunha Campos, então coordenador de ensino, o qual me propôs uma especialização em Brasília. Voltei já contratada como docente no curso de Direito, ministrando a disciplina Metodologia da Pesquisa, como assistente desse mesmo professor, a quem tenho a maior deferência pelo seu brilhantismo acadêmico. Essa foi minha primeira experiência no ensino superior. Enquanto trabalhava, fiz outros cursos de especialização: na PUC-Minas e na própria Uniube, em convênio com a UFSCar. Posteriormente, lecionei em outros cursos da Universidade de Uberaba como Psicologia, Pedagogia, Comunicação Social, Engenharia, Odontologia e Educação Física. Após dois anos na instituição, o Professor Mario Palmério convidou-me para coordenar o Instituto de Ciências Humanas, o que constituiu um grande desafio em relação à minha formação acadêmica. Nesse Instituto, dirigi o curso de Psicologia e a área básica de humanidades. Foi uma experiência de muito trabalho e de muito aprendizado, sobretudo com o Prof. Mário Palmério, a quem conservo a admiração e o respeito.

Quando me casei, diminuí as atividades, ficando só com a docência.

Ao ter meu primeiro filho, tirei uma licença. Ao retornar à instituição, um ano após, vi uma situação institucional muito difícil e sofrida, a qual desencadeou uma greve. Nessa época, pedi

demissão, com muita tristeza, e fiquei envolvida só com minha família. Um ano depois, nasceu minha filha.

S.T.A.B – No período em que me afastei da UNIUBE, comecei a ser procurada para orientar trabalhos científicos, monografias e fiz consultorias, assessoria para estudantes em grupo e individualmente. Comprei uma sala em um prédio comercial e comecei a atender, inclusive, alunos da educação básica.

Lembro-me de alguns fatos dessa época. Uma senhora procurou-me para ajudar o filho na escola. Detectei, com testes de leitura, que aquele aluno de 5ª série não estava lendo porque não enxergava. Eu tinha apenas essa criança diante de mim. E como um professor poderia acompanhar tão de perto uma dificuldade do estudante em uma sala de quarenta crianças? Às vezes apareciam estudantes que não podiam pagar e eu atendia mesmo assim. Isso nunca foi impedimento para colaborar com quem me procurava para aprender. Mas isso não era uma atitude profissional. Era um ato solidário. Um professor sozinho não consegue substituir um ensino público e gratuito, o qual deve ser alcançado por outros meios. Nesse período também comecei a lecionar Ética em um curso de teologia para leigos, por mais de um ano.

Foi nessa época, 1996, que o filho do Prof. Mário, Marcelo Palmério, tomou posse como reitor da universidade. Fui, então, convidada para retornar e assumir o Centro de Ciências da Educação, com a missão de reorganizar as áreas da educação e colaborar na reestruturação de toda a universidade.

Empreendedor, lúcido, seguro, ele liderou as mudanças. A Universidade estava sendo reestruturada e havia muito a ser feito. Foi um período de muito trabalho e sempre cercada de equipes muito competentes. Após um ano, foram criadas duas pró-reitorias e institutos, vários cursos de graduação e implantada a pós-graduação. Foi quando recebi o convite para assumir a Pró-Reitoria de Graduação e Extensão (hoje, de Ensino Superior). Após ajudar na sua implantação, tive a oportunidade de ir para o Instituto de Formação de Educadores e permanecer na minha área. Nele, fiquei na direção durante 10 anos. Esse Instituto contemplava as licenciaturas, a pós-graduação *lato-sensu* da área de educação, mestrado e até a educação a distância em seu início. Também o Colégio Ricardo Misson recebia a supervisão pedagógica, assim como uma escola rural em Catalão. Os cursos de licenciatura foram inovadores, com estrutura curricular diferenciada e corpo docente muito capacitado, sendo uma experiência muito feliz participar da formação de professores. Experiência que abrangeu, também, a formação continuada, que se realizava por meio de um grupo de apoio pedagógico e pesquisa e de cursos de especialização.

Particpei da Educação a Distância na parte de formação pedagógica comum das licenciaturas, ministrando aulas presenciais, produzindo material didático, viajando até os polos, participando de um grupo de estudos. Foi uma experiência bonita, é um público muito carente e a receptividade foi muito grande.

Fiz um mestrado em Ciências e Valores Humanos na UNIUBE, o qual, infelizmente, não foi reconhecido pela CAPES. Meu orientador sugeriu-me fazer o mestrado em educação na UFG. Olhei na internet, a inscrição do processo seletivo para o mestrado estava aberta e me inscrevi. Fiz o mestrado e o doutorado em sequência. Até hoje tenho vínculo com a UFG, participando de dois grupos de pesquisa e de uma rede de pesquisadores sobre o professor, vinculados a essa universidade. É um Programa de pós-graduação concorrido e muito prestigiado no Centro-Oeste, e foi uma experiência de acolhida e de formação bastante intensos.

Ao terminar o doutorado, tinha planos para trabalhar em um projeto que abrangeia desde a educação infantil até o doutorado em educação. Mas não foi possível dar continuidade a esse projeto, por mudanças na legislação, que possibilitava manter a escola básica gratuita. Além disso, os cursos de licenciatura presenciais foram fechados, exceto a Pedagogia, por grande diminuição de demanda, apesar de os cursos serem muito bem classificados nas avaliações realizadas pelo MEC. Observávamos que a evasão ocorria quando o licenciando começava o estágio nas escolas e aí presenciava a realidade do sofrido exercício da docência. A diminuição do interesse pela profissão docente perdura nas universidades brasileiras, como, infelizmente, o meio acadêmico aponta.

O mestrado em educação da Uniube foi reconhecido em 2003. Em 2008, logo após terminar o doutorado, houve uma crise entre a coordenação e a instituição. Foi-me solicitado, então, que assumisse a coordenação do Programa, o que aceitei por tempo determinado, para em seguida ficar apenas com a docência e a pesquisa, que é o que sempre me realizou mais (mas acabei igualmente coordenando eventos científicos e sendo editora da revista do programa por dois anos).

A pesquisa que me satisfaz é a feita em grupo, por isso todos os meus projetos são interinstitucionais e envolve alunos e professores da pós, da graduação e da educação básica. Por esse motivo, também me integrei a associações, sociedades científicas nacionais e internacionais e sempre valorizei a extensão, que é o momento em que a universidade apresenta à sociedade o conhecimento construído. Nos alunos, orientandos e colegas pesquisadores encontrei eco e partilha para construir produções bibliográficas, apresentar trabalhos em inúmeros eventos e edificar um corpo teórico interdisciplinar.

Nessa trajetória, o que permanece é a grande paixão de ser educadora e pesquisadora, e de saber que os conceitos que ajudamos o aluno a construir serão sistematizados em um momento futuro, que muitas vezes não presenciamos, mas sabemos que ocorrerão.

S - A vida do professor também é um fato sobre o qual se deve pensar, dadas suas ligações e influências no trabalho docente. Como mudanças tecnológicas e econômicas, políticas, têm afetado o professor? Qual a sua leitura sobre a cultura virtual na vida e no trabalho de professores?

S.T.A.B - O primeiro aspecto a destacar é: quais os sentimentos/dimensões e o que impactou na minha carreira, modo de vida, de pensar, de dar aula e de pesquisar. Para mim foi a arte. Eu descobri que poderia trazer a arte para a pesquisa e o ensino em filosofia e educação. Ressalto que entendo a arte na perspectiva bachelardiana, como complementar à ciência na construção do conhecimento. Além disso, considero a importância da criação artística na formação da sensibilidade e mesmo da formação ética e política. A tecnologia também me chama a atenção. Um exemplo recente foi em um congresso que participei no Rio Grande do Sul, em novembro de 2018. As comunicações eram feitas pelo aplicativo do congresso, a organização do evento era toda realizada com o auxílio da tecnologia, em uma velocidade e precisão impecáveis. Ao visitar o Museu de Arte, observei as exposições interativas por meio da tecnologia de modo que você construía sua exposição. Esse é o segundo aspecto que destaco: as minhas melhores surpresas com a tecnologia são quando ela se casa com a arte.

Eu sou usuária das tecnologias e as uso conforme o que preciso e não sou pesquisadora desse campo e não me aprofundo, mas observo as mudanças. O avanço da tecnologia é muito dinâmico, mas fico apenas no campo da filosofia da tecnologia (em uma perspectiva heideggeriana) e das suas repercussões, refletindo sobre o acesso, os benefícios e as relações da tecnologia na vida das pessoas e na educação. Podemos falar que, para os professores, mudaram recursos, equipamentos, técnicas. Mas as relações entre professor e aluno mudaram? A tecnologia ajudou a mudar a educação? O conhecimento está sendo construído de forma diferente? O usuário da tecnologia reflete ela? São perguntas para vocês, pesquisadores dessa temática. Estou atenta para as respostas.

Penso que a tecnologia facilita a comunicação, mas não substitui o professor. Dou aula, oriento, sabendo que os alunos estão com o notebook pesquisando e analisando o que eu falo e o que penso, bem como os conceitos que estamos construindo. Hoje vejo o conhecimento como uma co-construção, e isso ajuda a dar mais humildade para o professor. E essa humildade é muito

importante para os professores pensarem que eles sabem de alguma coisa, que eles conhecem uma dimensão da realidade, que eles possuem algum saber. A tecnologia contribui para desmistificar a postura de querer ensinar verdades, pois o professor ajuda a construir conhecimento (o que é muito relevante). E ela auxilia a pesquisa. Essa atitude de hoje é diferente do que aprendi na graduação sobre o que é a docência.

S - Quando você olha para o passado, se recorda de como seu trabalho influenciava a sua saúde física e mental? Poderia falar sobre isso?

S.T.A.B - Eu tive um momento de estresse, comecei a ter insônia, dor no corpo, desânimo e não sei se era só pelo trabalho e estudo em três períodos, ou, também, pelo distanciamento e saudades da minha filha que fazia intercambio no exterior. Tive que parar um mês e, por recomendação médica, procurei ter lazer, exercício físico, pois se eu continuasse naquele ritmo iria ficar doente. Considere que sempre trabalhei e estudei. Eu aprendi com os artistas sobre a necessidade de dar espaço à razão e à imaginação criadora, ao devaneio. A paixão pela arte ajudou-me muito.

S - Como percebe as mudanças do mundo no seu modo de ser e fazer docente? Considera que ele tem relações com o trabalho? Em que sentido e direções? Avalia que ele tem papel na produção de sua subjetividade? Sobre o trabalho docente, quais os pontos fortes de seu trabalho e quais os pontos negativos?

S.T.A.B - As mudanças existem em decorrência das políticas educacionais, que vêm de fora, das mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas, enfim, do contexto histórico. No entanto, considera-se, hoje, o professor como um deus. Tudo que acontece na escola e na sociedade é culpa do professor, ele teria todo o poder. A não aprendizagem do aluno, a carência de melhores profissionais, tudo é consequência do trabalho (ou da omissão ou incompetência, segundo eles) do professor. Essas discussões sobre escola sem partido (que refuto) no fundo estão, também, dizendo que o professor tem um poder muito grande de influenciar e de fazer que o aluno pense desse ou daquele modo. Desconsidera-se, assim, a mídia, a influência religiosa, a ideologia hegemônica difundida, o meio cultural, as condições econômicas, a educação familiar, entre outros aspectos. A educação escolar contribui, mas não é o único fator.

S - Para sua geração e para a geração futura de docentes, o que gostaria de deixar como reflexão?

S.T.A.B - É muito subjetivo, o que vou falar é sobre quem eu sou, mas gostaria de destacar a importância da arte na formação humana. A arte forma, tanto sob o prisma estético quanto ético, cultural, político, social e histórico (entre outros aspectos). Quando surgem movimentos visando tirar a arte do ensino, eu digo que não tinha que tirar, e sim acrescentar mais. Nas ocasiões em que viajo ao exterior, observo, nos museus que visito, grupos de estudantes aprendendo sobre arte, sendo estimulados, pelos professores ou monitores, para pensar e sentir a partir das criações artísticas, Vejo o quanto a arte está presente na formação escolar! Fico, então, desejando essa experiência para o nosso país, pois, aqui, a arte não tem essa importância.

E ao ouvir comparações sobre o desempenho escolar entre o Brasil e países como França, Suécia, Noruega, Holanda, Inglaterra, entre outros, penso ser desleal com a nossa realidade. Nossa sociedade é cultural, social, política e economicamente muito diferente. Além disso, os professores não têm as mesmas oportunidades de formação e nem são valorizados como os profissionais desses países desenvolvidos o são, assim como os investimentos públicos em educação são bem diferentes.

Quando penso na formação humana, penso em algo mais complexo e completo, em que a arte tem um lugar de relevância, pois a beleza é apenas um dos valores que a criação artística expressa. Ela nos extasia, mas também nos faz refletir sobre as dimensões da vida humana e o projeto de sociedade que queremos.

SOBRE OS AUTORES

Simone Alves Cavalcanti é graduada em Psicologia pela Universidade de Uberaba (2008). Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba (2020). Especialização em Análise Institucional Esquizoanálise e Esquizodrama: Clínica de indivíduos e grupos, Organizações e Redes sociais pela Fundação Gregório Barenblitt e Instituto Félix Guatarri (2012).

E-mail: simoneacavalcanti@gmail.com

Maria Vitória Alves Rodrigues possui graduação em Pedagogia e Especialização em Psicopedagogia, Gestão Escolar e Educação Inclusiva pelo Centro de Ensino Superior de São Gotardo. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Caxias do Sul - UCS. Atualmente é Docente e colaboradora da Biblioteca do Centro de Ensino Superior de São Gotardo. Tem experiência na área de Educação e Biblioteconomia. Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba.

E-mail:rodriguesmariavitoria122sg@gmail.com

Sálua Cecílio possui licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (1971), Uberaba-MG, mestrado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1990) e doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (1999). Atualmente é pesquisadora e professora de tempo contínuo da Universidade de Uberaba. Integra o Comitê de Ética em Pesquisa e o Comitê do Banco de Avaliadores Ad Hoc do PIBIC-UNIUBE da referida instituição. É pesquisadora da REDESTRADO - Rede Latinoamericana de Estudos sobre Trabalho Docente e líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Trabalho docente, tecnologias e subjetividade (GEPETTES) e do Grupo de Pesquisa Desenvolvimento profissional e trabalho docente na contemporaneidade. Tem experiência nas áreas de Sociologia, Educação e Psicologia, com ênfase em

Trabalho, tecnologias e saúde, atuando principalmente na investigação dos seguintes temas: educação, trabalho, subjetividade, tecnologias digitais e trabalho docente, formação de professores e trabalho docente.

E-mail: salua.cecilio@uniube.br

*Recebido em 10 de julho de 2019.
Aprovado em 05 de março de 2020.
Publicado em 30 de abril de 2020.*